

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara.

DATA: 07/08/1954 AUTOR: Michel Simon

TÍTULO: Carta da Itália

ASSUNTO: Suum e outros na Bienal de Veneza.

1.º Caderno



Tela de Portinari

A chegada a Veneza é sempre surpreendente. A travessia da laguna, onde pincas de corpos nus guiam as barcas dominicais, a saída da estação e a descida na gôndola, a lenta subida pelos canais secundários até o desembarcadouro do hotel entre os palácios roídos e floridos, os latidos dos gondoleiros nas esquinas dos rios, a passagem sob as pontes sobre as quais as Colombinas usam óculos pretos à guisa de máscara. Pode-se já conhecer a cantiga (é a minha quinta visita a Veneza), há sempre um choque.

A estação de São Marcos diante do Harry's Bar, em frente à igreja da Salute, bôlo de confeitaria. Acho-me ao lado de uma americana loura, do diabo, O Campanile, o Palácio dos Doges, o Hotel Danieli (onde Musset se fez de menino mimado e onde George — esse bilontra — enganou-o com o médico de plantão), depois uma estátua caracolante de Vitor Emanuel, e depois os jardins onde está instalada a Bienal. Ao trabalho! Que penal! A loura só queria confiar-me suas impressões e eu tenho horror a viver sozinho em Veneza. Ao trabalho! E que trabalho! Trinta e duas nações, das quais quatro da Europa Oriental = Vinte pavilhões = 130 salas de pintura.

Quando se tenta um primeiro passeio através desses vinte pavilhões, fica-se impressionado de saída com um fato grave: a uniformidade das pesquisas dentro das trinta e duas nações participantes. O que diverte numa exposição universal, é o exotismo, são os usos e os costumes de cada um, a cozinha local. Pois bem! No mundo das artes plásticas

de hoje, tudo simplificou-se. Não há mais arte nacional, há somente artistas sem passaporte, dilacerados aqui e ali pelos mesmos problemas. Um pintor japonês prepara hoje, num piscar de olhos, a mesma composição abstrata que um pintor da Via Margutta. Os Australianos praticam o mesmo humorismo feroz dos Americanos do Norte. Os Canadenses, quem o diria!, fazem profissão do surrealismo e os Indonésios se deixam impressionar por Lautrec e por Soutine.

Que idéia engraçada de escolher o surrealismo como tema desta exposição! O surrealismo é essencialmente um movimento filosófico, forjado de uma ética particular. Sua vibração, é verdade, tocou grandes pintores: Picasso, De Chirico, Ernst, Dalí, Tanguy, etc., mas ocasionalmente. Alguns desses pintores, os melhores, fizeram sua carreira independentemente e muitas vezes em oposição à exigente política surrealista. Para os surrealistas secundários, a apresentação de suas telas entregues a si mesmas, sem iluminação particular, sem acessórios, sem *mise-en-scène*, sem a ética das provocações, como foi o caso para as exposições de "Belas-Artes" antes da guerra, ou para a da Galeria Van Meeght depois da guerra, é uma prova temível.

Se se excetua o maravilhoso de Paul Klee (de quem o pavilhão germânico apresenta uma espantosa retrospectiva) — mas Klee não tinha nada a ver com o surrealismo —, este último movimento está especialmente em evidência no pavilhão belga, que oferece em Veneza a única antologia coerente do fantástico, desde Hieronymus Bosch a Magritte, de Félicien Rops a Delvaux (em

CARTA DA ITÁLIA

MICHEL SIMON

quem muitas vezes o *humour* destrói a imaginação erótica fecundante).

Para se manter, sem dúvida, fiel ao tema que serve de pretexto a essa exposição, o júri da Bienal concedeu os três grandes prêmios a três artistas surrealistas, o de desenho a Miró, o de escultura a Jean Arp, o de pintura a Max Ernst. Sobre-tudo, o último se impõe, inventor de cidades soterradas de civilizações defuntas, sobre as quais sopram os miasmas do romantismo alemão.

O pavilhão italiano é o mais bem composto dos pavilhões nacionais, *et pour cause*. Eis os patriarcas, Tosi (paisagens), De Pisis (flôres), Campigli (mulheres triangulares), Tozzi (ateliers de pintores).

Para as gerações mais recentes a luta, como em todos os pavilhões, está aberta entre os figurativos e os abstratos. Os primeiros estão aqui principalmente representados, mal representados, por Gottuso, de quem ainda não cheguei a compreender o interesse da tela "Boogie-woogie em Roma", e por Carlo Levi, tão bom escritor ("O Cristo parou em Eboli") quanto mau pintor. Prefiro infinitamente as ingenuidades, conscientes ou não, de Donghi e de Pippo-Rizzo, ou as sábias miragens de Clerici.

Entre os abstratos, que se apresentam em fileiras cerradas, a quem citar? Eis, ao acaso, Santomaso e Moreni (explosivos), Afro (requintado), Capogrossi (que utiliza em composições decorativas os pentes, as armadilhas abertas e os fechoscêler). Mas como citá-los a todos? São quarenta, cinquenta, sessenta pintores abstratos. Não é um comando, é uma invasão e eu passo à resistência. Prampolini e Magnelli são, no fundo, os Zuloaga e os Carolus Durand da Bienal.

Infinitamente mais interessantes, os escultores italianos do que os pintores, e especialmente Fazzini, de uma arte doentia e sutil, Franchina e seus sábios materiais bem encerados, e principalmente Mascherini, poético, grego boticellano, de um maneirismo sabido, que lembra o melhor Jean de Bologne. Eu, gosto.

A exposição francesa é fraca e sobretudo dispartada. Por que Braque, por que Matisse, por que Van Dongen? Suas presenças não se impunham.

Coutaud, Carzou, Goerg, defendem com heroísmo o surrealismo. Imagino porém que, sobre esse tema do fantástico, poder-se-ia ter encontrado no depósito de acessórios outras telas de Gustave Moreau, esse grande desconhecido do esoterismo, a Félicien Rops; de Granville ao

delicioso Odilon Redon. Nada de Tanguy numa Bienal dedicada ao surrealismo. Quanto aos abstratos franceses, Hartung, de Stael, Schneider, Estève, Vieira da Silva (você se lembra da encantadora Maria Helena, vulgo "Bicho", que passou com seu marido Anpad Szenes tóda a guerra no Brasil), eles não são nem melhores nem piores do que os abstratos italianos. Felizmente, a França tem um poderoso trunfo: Gustave Courbet, de quem Germain Bazin organizou a imponente retrospectiva. Que sinfonia em branco na "Toilette da noiva" (do Museu de Northampton), por exemplo.

As outras exposições nacionais são organizadas com mais cuidado do que a francesa e preferem o método do recital ao do espetáculo de variedades. É assim que os noruegueses nos recomendam Eduard

abstração. Que avareza! Klee é quem sabe receber.

Os Estados Unidos, enfim, evidenciam dois pintores bem diferentes por um lado, Willen de Koonig, que nos oferece em duas grandes salas seus inúteis tormentos cromáticos e por outro, Ben Shahn, pintor satírico judeu-americano, que representa em pintura a mesma corrente fecunda de naturalismo poético dos romancistas Faulkner ou Tennessee Williams. Ben Shahn é mais completo do que Steinberg em quem ele faz pensar inevitavelmente, e que talvez o tenha influenciado. Algumas de suas obras como "Libertação" ou como "A escada vermelha" são inesquecíveis.

Cheguemos aos brasileiros. A mostra é representativa da escola brasileira? Não acho. Fazemos as contas.

a) Ha, primeiro, quatro Portinari. Não são os mais belos quadros que ele tenha pintado, mas enfim, existem (nêles o amarelo e o azul cantam com veemência) e formam o centro de gravidade dessa incompleta participação brasileira;

b) Três paisagens semi-abstratas



Escultura de Marcello Mascherini

Munch cujo grito angustiado ecoa estranhamente na luz da Piazza San Marco.

Os ingleses apresentam um abstrato de boa sociedade, Ben Nicholson, assim como Francis Bacon, pintor de horrores, que não me dá medo e que precisava se deixar psicanalisar pelo avô de seu companheiro, o sensível Lucien Freud.

O pavilhão alemão é um dos mais coerentes. Apresenta Oskar Schlemmer, de uma eloquência inatural, mas sobretudo Paul Klee. A retrospectiva de 53 telas e desenhos de Klee é um dos pontos altos da Bienal: ele joga com uma variedade de matéria e de maneiras inacreditáveis. Os atuais pintores abstratos limitam-se geralmente a um só estilo de

de Bandeira. Uma (a grande cidade branca), excelente;

c) Depois, seis telas de Volpi que conseguem nos pegar com meios e assuntos muito simples (silhuetas de casas).

d) Enfim, cito na ordem cronológica, a contribuição de Lygia Clark, Samson Flexor, Milton Goldring, Paulo Rissone e Ivan Serpa.

Estará aí tóda a pintura brasileira? E Di? E Segall? E Guignard? E Santa Rosa? E nossos queridos ingênuos (de quem é preciso resolver de uma vez a organizar uma grande exposição no estrangeiro): Heitor dos Prazeres, Djanira, Rafael, João Alves, etc.? E tantos outros pintores que conseguiram trazer aos problemas estéticos universais uma solução própria brasileira.

Também não há escultura brasileira na Bienal. Em compensação, a participação brasileira nos apresentou na secção "Branco e preto" os três melhores desenhistas brasileiros: Lívio Abramo, Fayga Ostrower e principalmente Arnaldo Pêdroso d'Horta, cujas minúsculas folhas de herbário nos transportam sem dificuldade a maravilhosos paisagens imaginários.

Há ainda muito que dizer e que escrever sobre essa Bienal, muito rica, rica demais. Mas eu queria deixar um lugarzinho para Giorgio de Chirico, que, orgulhosamente, apresenta, à margem da Bienal, nos salões do "Eucentauro", uma seleção de telas libertadas do surrealismo e transportadas pelo galope feroz dos cavaleiros de Delacroix e de Géricault. E também para a exposição de arte chinesa, organizada no Palácio dos Doges e na Biblioteca Marciana em honra ao 7.º centenário do nascimento de Marco Polo.

E depois, não se pode passar por Veneza sem dar um abraço aos Polichinelos de Tiepolo (o filho, não o aborrecido pintor de tetos), e às "Cortezás" de Carpaccio.

Façamos o balanço enquanto esperamos o vaporetto de volta.

1) Pintura

— As representações retrospectivas mais interessantes da Bienal: Gustave Courbet e Paul Klee.

— As apresentações de pintores mais interessantes: Max Ernst e Ben Shahn.

— As apresentações brasileiras mais interessantes: Cândido Portinari e Arnaldo Pedroso d'Horta.

2) Escultura

O escultor mais interessante: Marcello Mascherini.

RECEITOS DE MORAL A TIRAR (QUEM QUISER) DESSA VISITA

a) Não há pintura surrealista, mas surrealistas que fazem pintura.

b) É preciso desconfiar dos pontos abstratos, ainda mais perigosos que os outros pontos.